

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Maikon Santos Carvalho

**TRABALHADORES ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS  
IMPLICAÇÕES DO TRABALHO DURANTE A GRADUAÇÃO**

Goiânia  
2017

Maikon Santos Carvalho

**TRABALHADORES ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS  
IMPLICAÇÕES DO TRABALHO DURANTE A GRADUAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Educação Física da Universidade Federal de Goiás, sob orientação do Professor Dr. Roberto Furtado.

Goiânia  
2017

**TRABALHADORES ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS  
IMPLICAÇÕES DO TRABALHO DURANTE A GRADUAÇÃO**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Goiânia, Julho de 2017.

---

Prof. Dr. Roberto Pereira Furtado

Este trabalho é dedicado ao meu querido e amado tio Rafael Avelino (*In memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao Eterno Deus, pelo dom da vida.

A meu Pai Geraldo e minha mãe Santina, por todo amor, paciência, cuidado e incentivo incondicional durante a graduação.

A meu irmão Marlon por me incentivar a auxiliar nos momentos difíceis.

A minha namorada Samara por todo auxílio, incentivo e compreensão.

A Danilo e Bruna pela a oportunidade que me deram e pela compressão que tiveram comigo durante a graduação, dando total respaldo e incentivo para o termino do curso.

Aos colegas de sala pela construção do conhecimento e troca de experiências.

A todos meus professores que somaram para meu crescimento técnico e humano.

A todos os trabalhadores e trabalhadoras da Faculdade de Educação Física e Dança-UFG.

A meu orientador Professor Dr. Roberto Furtado por todo tempo dedicado, pelas orientações, correções, auxílio e incentivo.

A todos meus familiares e amigos que ajudaram direta e indiretamente, muito obrigado.

Sonhos, acredite neles.

## RESUMO

Esta monografia é resultado de uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Goiás. Trata-se de um estudo de caso com estudantes do curso de Bacharelado em Educação Física. Os objetivos da pesquisa foram: descobrir qual o perfil do estudante trabalhador do curso de Bacharelado em Educação Física e como o trabalho poderia influenciar a formação desse estudante. A amostra foi composta por 108 estudantes. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas. A análise de dados foi feita a partir do cruzamento dos dados em planilhas do programa de computador Excel. Os resultados mostram que os estudantes que trabalham em sua maioria, cursam o 5º período acima. Sua renda mensal varia de R\$400,00 a R\$999,00. Tem vínculo de trabalho de estágio. Preferem estudar matérias relacionadas à biodinâmica. Após se formarem querem trabalhar em academias. Os resultados mostram também, que o trabalho influencia na formação do estudante. O trabalho implica em mudanças na preferência temática no curso e estando aliado ao mercado de trabalho, influencia na escolha do futuro local de trabalho. É importante resaltar que essa influência está ligada ao tempo de trabalho durante o curso. Quanto maior o tempo trabalhado durante o curso, maior é a influência do trabalho sobre o estudante.

**Palavras-chave:** Trabalho. Formação. Estudantes trabalhadores.

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Percentual de estudantes que trabalham e demais estudantes por período....	24
GRÁFICO 2- Percentual de vínculos de trabalho de estudantes trabalhadores.....	25
GRÁFICO 3- Distribuição da renda de estudantes trabalhadores. Valores em R\$.....	26
GRÁFICO 4- Distribuição dos estudantes que trabalham de acordo com o tempo de trabalho.....	26
GRÁFICO 5- Futura área de trabalho.....	27
GRÁFICO 6- Preferência temática no curso.....	28

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1- Número de estudantes que trabalham e estudantes que não trabalham.....	23
TABELA 2- Número de total de bolsistas de pesquisa, extensão e monitoria.....	24

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**FEFD** - Faculdade de Educação e Física e Dança

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**PDE** - Plano de Desenvolvimento da Educação

**PNE** - Plano Nacional de Educação

**REUNI** - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

**UFG** - Universidade Federal de Goiás

**CAPS** – Centro de atenção psicossocial

**EAD** – Educação a Distância

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPITULO I</b>	
1.1 TRABALHO E EDUCAÇÃO.....	14
1.2 ESTUDANTES TRABALHADORES NO ENSINO SUPERIOR.....	17
<b>CAPITULO II</b>	
2.1 RESULTADOS.....	23
2.2 DISCUSSÃO.....	29
2.2.1 A influência do trabalho na formação.....	31
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

Na atual perspectiva da educação superior, pode-se perceber que o trabalho remunerado faz parte da realidade de muitos estudantes. Esse contexto não é apenas dos cursos superiores privados, mas também das universidades públicas. Nas décadas passadas, os projetos de massificação do ensino superior aumentaram muito o número de vagas em universidades públicas e privadas. Grande parte destas vagas foi aberta no período noturno, justamente para que os filhos da classe trabalhadora tivessem acesso ao ensino superior e pudessem trabalhar no período diurno (BITTAR *et al*, 2008).

O acesso foi garantido através de planos e decretos para educação, mas a garantia de permanência dos estudantes que trabalham no ensino superior não aconteceu. Essa exclusão velada que paira sobre estudantes que trabalham nas bases legais da constituição, também acontece nas investigações e estudos científicos. São poucos trabalhos que se debruçam sobre a realidade dos estudantes trabalhadores, foram encontradas algumas poucas pesquisas científicas que tratam da formação de estudantes que trabalham e das implicações causadas pelo trabalho na formação acadêmica. Na área da Educação Física, foi encontrado apenas um trabalho que trata diretamente de estudantes de educação física que trabalham, grande parte dos trabalhos encontrados se debruça sobre a área da enfermagem.

De acordo com Nozaki (2015), o campo de atuação da Educação Física vem tomando diferentes caminhos da última década para cá. É possível ver um crescimento da área da saúde, principalmente das academias de ginástica, um local que tem sido um grande polo de estágio remunerado para estudantes de Educação Física.

A partir dessa realidade podemos problematizar questões inerentes aos estudantes trabalhadores: Qual o perfil do estudante trabalhador? Qual a implicação causada pelo trabalho na formação do estudante trabalhador? Pode existir mudança na centralidade da formação desse estudante ordenada pela demanda do trabalho?

Essas são algumas questões suscitadas que necessitam de investigação, desse modo esse trabalho buscou identificar o perfil do corpo discente do curso de bacharelado em Educação Física (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG) em ao trabalho remunerado, compreendendo que o trabalho pode influenciar a formação acadêmica dos estudantes trabalhadores.

Os objetivos específicos foram: identificar o número de estudantes do curso de bacharelado em Educação Física que trabalham. Identificar o número de bolsista de pesquisa;

bolsistas de extensão; bolsistas de monitoria. Constatar qual a renda mensal dos estudantes trabalhadores. Identificar o número de vínculo de trabalho, nas categorias: formal; informal; estágio; autônomo; outros. Legalmente o estágio não obrigatório, não se configura como trabalho, mas entendemos que ele tem características que o aproximam do trabalho, então decidimos coloca-lo como um vínculo.

Comparar os estudantes que trabalham com aqueles que não trabalham em relação a: perspectiva futura com a profissão; referência temática no curso. Analisar se existe alguma influência gerada pelo trabalho durante o curso.

Tratou-se de uma pesquisa do tipo estudo de caso, objetivando compreender o perfil do estudante trabalhador do curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Goiás e os impactos objetivos causados pelo trabalho durante o processo de formação acadêmica. O curso de bacharelado em Educação Física tem aulas predominantes no período vespertino no campus Samambaia.

A população de matriculados no curso de Bacharelado em Educação Física é de 186 estudantes, amostra foi composta por 108 estudantes. Esses estudantes correspondem às turmas de 1º, 3º, 5º e 7º períodos, além de alguns estudantes que já passaram do tempo regular de graduação e estavam nas salas de aula durante a aplicação do questionário. O instrumento para coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas, aplicado a todos que concordaram e assinaram o termo de consentimento. As perguntas eram referentes ao trabalho desses estudantes, tempo que trabalhou durante a graduação, renda mensal, preferência temática no curso, local que gostaria de trabalhar etc. A aplicação do questionário aconteceu dentro das salas durante o horário de aula. Os professores davam um intervalo durante a aula para que o questionário fosse aplicado. A aplicação do questionário ocorreu nos dias 22/03/17 e 23/03/17.

Os resultados foram agrupados utilizando-se um banco de dados criado em planilha no programa de computador Excel. Foram feitas análises univariadas e bivariadas e trivariadas, os resultados foram apresentados na forma de tabelas e gráficos.

A relevância desse trabalho pode ser considerada de irrefutável indispensabilidade, pois após quatro anos estudando na FEFD, pude acompanhar e também fazer parte do grupo de estudantes trabalhadores que dividem seu tempo de estudo com o trabalho. Foi possível perceber que essa condição gera demandas diferentes das demandas de estudantes que não trabalham. Outro ponto que reforça a importância da pesquisa é a falta de trabalhos acadêmicos no campo da Educação Física que se debruçam sobre o tema. Pois se entende que a condição de estudante trabalhador é uma realidade de muitos estudantes da FEFD.

## CAPÍTULO I

### 1.1 TRABALHO E EDUCAÇÃO

O ser humano vive e se desenvolve através do trabalho. Precisa transformar a natureza para suprir suas necessidades básicas, durante essa transformação da natureza o homem também se modifica, complexificando cada vez mais suas interações com o meio de forma progressiva. Ao contrário, os animais têm sua existência garantida pela natureza, onde encontram tudo que necessitam para seu o desenvolvimento básico suprimindo suas necessidades de existência.

Através dos estudos de Marx podemos perceber as implicações do trabalho na existência do homem:

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material (MARX; ENGELS, 1974, p.19).

O ato de transformar a natureza para suprir as necessidades humanas é chamado de trabalho, desse modo podemos dizer que o trabalho é a essência do homem. A partir do momento que o homem muda a natureza para produzir seus meios de vida ele também produz sua existência, desse modo pode-se perceber que a essência humana não é dada de forma natural ao homem, ela é construída historicamente, desde o surgimento da espécie até os dias atuais o homem vem construindo sua humanidade e essa humanidade continua se complexificando de todas as formas possíveis. Marx, durante o capítulo V de seu livro clássico “O capital” descreve as formas de relação de trabalho:

o processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 1983, p.153)

Os modos de produção foram se modificando e evoluindo com o passar do tempo, após o fim do sistema feudal, um novo sistema se ergue como hegemônico, o sistema Capitalista. A ascensão burguesa modifica as relações de trabalho e conseqüentemente toda a

sociedade.

Marx nos apresenta de forma clara que o processo de trabalho, com o objetivo de satisfazer as necessidades humanas, é uma condição universal de metabolismo entre o homem e a natureza. Portanto, todas as sociedades que existem ou existiram possuem o trabalho como aspecto fundamental de sua organização. Com isso entende-se que em qualquer modo de produção, o trabalho continua sendo realizado com os mesmos objetivos. Entretanto, no modo de produção capitalista, o trabalhador vende a sua força de trabalho para outra classe:

A utilização da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho a consome ao fazer trabalhar o vendedor dela. O último torna-se, desse modo, de fato força de trabalho realmente ativa, o que antes era apenas em potencial. Para representar seu trabalho em mercadorias, ele tem de representá-lo, sobretudo, em valores de uso, em coisas que sirvam para satisfazer a necessidades de alguma espécie. (MARX, 1983, p.297)

Marx avança com sua análise e desvela uma das categorias mais importantes para a compreensão do modo de produção capitalista, a mais-valia. A transformação da força de trabalho em mercadoria é um dos elementos que constituem a produção do capital, pois é com a compra da força de trabalho e dos meios de produção que o capitalista pode gerar a mais-valia. O capitalista que detém o dinheiro vai ao mercado e compra os meios de produção e a força de trabalho. O consumo da força trabalho acontece quando os meios de produção são utilizados e o resultado é a produção de uma mercadoria que pertence integralmente ao capitalista. A produção da mais-valia se finaliza com a venda da mercadoria. Nessa relação entre meio de produção e força de trabalho, apenas a força de trabalho tem propriedade de produzir mais valor, ou valor excedente se comparando com o seu próprio valor, só ela pode produzir mais-valia, ao final desse processo pode-se perceber como o dinheiro do capitalista se transformou em capital (MARX, 1983).

Marx deixa clara a existência de duas classes antagônicas, a burguesa que detém os meios de produção e a classe trabalhadora que vende sua força de trabalho e se torna mercadoria. Nessa relação, o trabalhador sempre é explorado, pois ele trabalha para suprir suas necessidades básicas e para produzir mais-valia ao capitalista. Desse modo, o trabalhador tem parte do seu tempo comprometido, tempo que poderia ser usado para outros fins.

O trabalhador precisa de tempo para satisfazer a necessidades espirituais e sociais, cuja extensão e número são determinados pelo nível geral de cultura. A variação da jornada de trabalho se move, portanto, dentro de barreiras físicas e sociais. (MARX, 1983, p.346)

A jornada de trabalho dever ter um limite estabelecido para que o trabalhador tenha tempo livre para as atividades da vida fora do trabalho como, descanso, alimentação, relações sociais, lazer entre outras. A realidade do trabalhador na atual conjuntura continua a mesma. A classe dominante usa diversos artifícios para apropriar-se da mais-valia e o tempo do trabalhador continua sendo dividido entre o trabalho e as interações fora do trabalho.

É dentro desta realidade que se encontra o estudante universitário trabalhador. De acordo com Saviani (2006), o trabalho e a educação são atividades específicas dos humanos, com isso podemos entender que apenas os humanos podem trabalhar e educar. Saviani (2006) aponta que nos tempos primitivos o trabalho e a educação caminhavam juntos e não se separavam o indivíduo só podia aprender com a prática. O autor exemplifica com uma plantação onde um indivíduo só poderia aprender a plantar milho, plantado milho, ou só aprenderia a plantar feijão, plantando feijão.

A divisão entre trabalho e educação se concretiza no momento em que acontece a divisão de classes, primeiramente na divisão dos que tinham terras e dos que não tinham.

Ora, essa divisão dos homens em classes irá provocar uma divisão também na educação. Introduce-se, assim, uma cisão na unidade da educação, antes identificada plenamente com o próprio processo de trabalho. A partir do escravismo antigo passaremos a ter duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e outra para a classe não proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais. A primeira, centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. E a segunda, assimilada ao próprio processo de trabalho. (SAVIANI, 2007, p.155)

Nessa citação, o autor desvela que o ato de educar surge depois da divisão de classes, deste modo quem vivia do trabalho alheio, no caso a classe dominante, detinha o privilégio de ter tempo livre para se dedicar aos estudos de atividades intelectuais, lúdicas e etc., portanto os dominados deveriam trabalhar e não tinham tempo livre para se apropriar dos conhecimentos sistematizados.

Essa divisão também acontece nas escolas da sociedade capitalista. De acordo com Nozaki (2015), um dos debates sobre a formação escolar se refere à escola dualista, discutida também por Saviani (1984). A classe trabalhadora historicamente luta pela ampliação do acesso a educação, essa ampliação aconteceu, mas com propósitos específicos da classe dominante.

Haveria no capitalismo uma contradição: ao mesmo tempo que pretende negar o conhecimento socialmente produzido, necessita formar minimamente os trabalhadores que, por sua vez, lutam para buscar maiores patamares educacionais. Neste ponto, a desqualificação da escola para os trabalhadores não deve ser vista como uma resultante das falhas ou da incompetência, mas como a própria mediação que ela efetiva no interior do capitalismo. (NOZAKI, 2015, p. 185)

Desse modo entendemos que a desqualificação da escola do trabalhador é orgânica, pois tem a função de manutenção da sociedade de classes.

Nesse sentido, podemos analisar a realidade do estudante trabalhador, que está no ensino superior, onde teoricamente existe certa heterogenia em relação às classes sócias e não existe uma dualidade no ensino. No entanto, a realidade do estudante trabalhador é diferente da realidade do estudante que não que não trabalha.

A partir dessa análise uma questão se levanta. Sabendo que dentro da mesma sala de aula não existe uma dualidade de ensino, será que pode existir alguma diferença na formação do estudante trabalhador em comparação ao estudante não trabalhador, por influência do trabalho? Ao relacionar a análise de Saviani com a realidade vivida pelos estudantes trabalhadores, podemos entender que há um desafio de conciliação de tempo de trabalho e de estudo, que pode afetar o rendimento acadêmico do estudante trabalhador, pois o tempo desse estudante não pode ser utilizado apenas em prol dos estudos, parte desse tempo é gasto no trabalho, diferentemente dos estudantes que não trabalham que teoricamente tem mais tempo disponível para os estudos. Além da diferença de tempo disponível, acreditamos que existem outras diferenças entres os dois tipos de estudantes que sejam causadas pelo trabalho durante a formação. Essas diferenças podem estar nas escolhas em relação à futura área de trabalho e na preferência temática no curso.

## 1.2 ESTUDANTES TRABALHADORES NO ENSINO SUPERIOR

A discussão e os projetos para a ampliação do acesso ao ensino superior ganharam força com a constituição de 1988, segundo o artigo 208 a educação é um direito de todos e deve ser garantida pelo Estado (BRASIL, 1988.). Mas não basta apenas a garantir acesso, esse é apenas o passo inicial. São necessárias garantias de permanência, principalmente no que se trata de estudantes que não podem se manter na universidade por questões econômicas.

Bittar *et al* (2013) analisa as características do ensino superior noturno em universidades públicas e privadas, os autores discutem as diretrizes que garantem o direito a

educação é citam o único parágrafo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que faz menção a estudantes que trabalham

O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados de ensino, da pesquisa e da criação artística [...]; oferta de ensino noturno regular [...]; oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola. (BITTAR et al.,2013, p.284)

A LDB faz uma referência sobre a garantia e permanência de estudantes que trabalham nas escolas, mas ainda assim não se aprofunda de modo algum no que poderiam ser essas condições de acesso e permanência.

Bittar *et al* (2008) discutem a busca desenfreada do governo neoliberal em ampliar o número de vagas nas universidades públicas e privadas sem se preocupar com a permanência desses alunos na sala de aula, ou se eles teriam condições para concluir o curso. Acrescentam ainda, que no Plano Nacional de Educação (PNE) (2001) também se observa a ausência de programas de permanência. O acesso do estudante trabalhador ao ensino superior é citado como umas das prioridades, reforçando o que foi dito na LDB, mas não se avança no sentido de determinar algum projeto de permanência.

Ao analisar o PNE de 2001, Bittar *et al* (2008) explicam que o foco era expandir o número de vagas no nível superior, com a massificação dos cursos superiores, abertura de vagas nas universidades privadas e públicas. Dados do IBGE contidos no mesmo estudo mostram que em 1991 os cursos diurnos representavam 45% da taxa total de matrículas e os noturnos 55%. Já no ano de 2005, os cursos diurnos represavam 40% da taxa de matrículas e os noturnos 60%. Pode se perceber um crescimento no número de matrículas noturnas que foram justamente um dos objetivos do Plano Nacional de Educação. Durante esses anos, as universidades públicas abriram muitas vagas no período noturno, algo que foi proposto pelo PNE como forma de democratização do ensino superior, pois as vagas no período noturno tinham como meta alcançar os estudantes trabalhadores, oportunizando assim o acesso ao ensino superior.

Os autores também citam que durante o segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a busca pela ampliação do número de vagas nas universidades continuou, o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) teve como objetivo, dobrar o número de alunos nas universidades públicas federais. Para receber esses recursos previstos pelo PDE as universidades precisavam apresentar projetos de reformulação que incluíam aumento de

vagas, abertura de novos cursos noturnos e combate à evasão (MEC, 2007). Outra medida criada pelo governo Lula foi o Decreto Presidencial nº. 6.096, Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), ações previam, além do aumento de vagas, medidas como a ampliação ou abertura de cursos noturnos, o aumento do número de alunos por professor, a redução do custo por aluno, à flexibilização de currículos e o combate à evasão.

É possível perceber que a lógica da massificação segue um padrão, buscando de várias maneiras o acesso, mas não considerando a realidade objetiva dos estudantes. Se pensarmos que o REUNI busca aumentar o número de vagas nas universidades públicas, mas em contrapartida aumenta o número de alunos por professores e diminui o gasto por aluno, em qual medida estamos avançando na educação superior? Aumentando acesso e diminuindo qualidade? Deve-se refletir sobre quais são as demandas necessárias aos dias atuais.

Se a palavra de ordem da década passada foi expandir, a desta década precisa ser democratizar. E isto significa criar oportunidades para que os milhares de jovens de classe baixa, pobres, filhos da classe trabalhadora e estudantes das escolas públicas tenham acesso à educação superior. Não basta mais expandir o setor privado – as vagas continuarão ociosas; não basta aumentar as vagas no setor público – elas apenas facilitarão o acesso e a transferência dos mais aquinhoados. (RISTOFF, 2011, p.162)

A síntese de Ristoff nos leva ao entendimento de que a consolidação dos planos de educação só irá acontecer quando a democratização for uma das prioridades, pois é através dela que as classes subalternas, pobres, filhos da classe trabalhadora e estudantes de escolas públicas terão o verdadeiro acesso ao ensino superior. Nesse sentido, faz de grande importância às bolsas de permanência, subsídios para restaurantes universitários, auxílio moradia além do custeio de transporte que pode ser ofertado pelo município ou estado.

De Paula e Vagas (2013) analisam a legislação que norteia a inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante no ensino superior. As autoras conseguem avançar chegando a categorizar dois tipos de estudantes que dividem o tempo com o trabalho: estudantes-trabalhadores que são aqueles que têm por principal ocupação os estudos, tendo o trabalho como um ofício secundário a sua rotina e o trabalhador-estudante, que tem como principal ofício o trabalho que demanda mais tempo e dedicação na sua rotina, deixando os estudos como ofício secundário. Mesmo com essa nomenclatura as autoras entendem que esses dois grupos de estudantes passam pelas mesmas dificuldades de se manterem na Universidade, pois existe uma enorme carência de programas e projetos de permanência e manutenção para manter esses estudantes na universidade.

As autoras se debruçam sobre a questão dos cursos noturnos dos institutos federais de ensino superior da região metropolitana do Rio de Janeiro no curso de Pedagogia. Relatam que grande parte dos estudantes trabalha em horário comercial e isso acaba sendo um problema, pois as aulas se iniciam às 18h. Com isso grande parte dos alunos não consegue chegar no horário de início da aula, acarretando em uma perda significativa de carga horária, isso se dá pela falta de uma legislação que respalde o estudante trabalhador no que diz respeito ao tempo de locomoção ao local de estudo, mas essa é apenas uma das dificuldades enfrentadas pelos estudantes trabalhadores.

As autoras trazem a realidade de Portugal que também tem a demanda de estudantes trabalhadores. É possível notar diferenças no tratamento de estudantes que trabalham de Portugal em relação aos do Brasil, nas medidas a fim de equacionar a incompatibilidade entre os tempos de estudo. Portugal tem uma legislação com citações específicas para os estudantes trabalhadores. O estatuto do trabalhador-estudante garante direitos constitucionais nas seguintes questões: No que respeita ao horário de trabalho, o art. 90.º do Código do Trabalho, prevê a existência de um horário flexível, ajustado de modo a permitir a frequência das aulas e a deslocação para o estabelecimento de ensino. O estudante trabalhador tem ainda, direito a ausentar-se justificadamente do trabalho para a prestação de provas de avaliação. O trabalhador poderá faltar até dois dias por cada avaliação, sendo um, o dia de realização da prova e o outro o imediatamente anterior (PORTUGAL, 2009). Esses são alguns direitos constitucionais que estudantes que trabalham de Portugal possuem.

Se tomarmos por base o que temos em nossa Constituição referente a estudantes trabalhadores, podemos perceber que ainda devemos avançar muito na legislação, que deve garantir mais do que o acesso ao ensino superior, deve garantir formas de permanência desses estudantes até o fim da graduação.

Na pesquisa realizada por Corrêa *et al.* (2006) foram analisados os perfis de 50 estudantes ingressos no curso de licenciatura em enfermagem, a coleta de dados foi feita a partir de um questionário fechado com indagações referentes a idade, sexo, identidade escolar (ensino fundamental e médio), e vínculo empregatício. Os resultados mostraram que 30 estudantes (70%) são do sexo feminino e 13 (30%) é do sexo masculino, com idade entre 18 e 46 anos. Ainda em relação à idade, grande parte, 29 estudantes (67,4%) encontravam-se na faixa etária de 19 a 25 anos, 12 (27,9%) entre 26 e 46 anos. Os autores afirmam que se destaca o número de alunos procedentes da escola pública, no ensino médio, um número alto-67,5%. Dos alunos ingressantes, 18 (42%) trabalham e 25 (58%) não trabalham. Dos alunos que trabalham, 12 (67%) atuam na área da saúde.

Com esses resultados os autores conseguiram perceber que a turma de enfermagem traz algumas demandas para a prática pedagógica do professor. Segundo eles a grande variação de idade mostra que o professor vai lidar com alunos de idades distintas, grande parte da turma advém da escola pública, cabe ao professor verificar a influência da identidade escolar na formação do aluno. Outro ponto importante na pesquisa é o grande número de estudantes que trabalham no curso, pois a conciliação de estudo e trabalho é um desafio para o aluno. Os autores falam sobre a dificuldade de mostrar para o aluno que a proposta da graduação vai além de apenas se aprofundar em conhecimentos de ordem técnica que são usados no trabalho já realizado por eles.

Em estudo realizado por Pereira *et al.* (2011) foi analisado o tempo de sono de estudantes e estudantes que trabalham de duas escolas da cidade de São Paulo uma no centro da cidade e outra na periferia, a amostra foi composta por 863 alunos com idades de 10 a 19 anos. Na conclusão do trabalho é possível perceber que estudantes que trabalham apresentam menor duração do tempo de sono do que estudantes que não trabalham. Outro resultado mostra que estudantes de classe baixa têm cargas horárias de trabalho maiores que estudantes de classe média e alta. Fica claro que os estudantes que trabalham têm demandas diferentes de estudantes que não trabalham, a maior jornada de trabalho e o menor tempo de sono pode influenciar diretamente o rendimento escolar. Na dissertação de mestrado de Tombolato (2004) foi realizado um estudo com grupos de estudantes que trabalham com respeito à qualidade de vida, sintomas psicopatológicos e alguns fatores sociodemográficos. A amostra foi composta 122 estudantes que trabalham e 18 não trabalhadores de um curso noturno de administração de empresas de uma faculdade privada.

Os resultados no estudo mostram que não existe diferença significativa na qualidade de vida de estudantes que trabalham e não trabalhadores. Quanto às categorias mulheres e idade entre 19 a 22 anos, os autores identificam quanto ao domínio físico, meio ambiente e sintomas obsessivo-compulsivos diferenças que foram significativas. O estudo concluiu que mulheres e os jovens apontaram sofrer mais influência do trabalho.

No artigo de Costa *et al.* (2008) foi realizada uma pesquisa qualitativa com estudantes que trabalham da área de enfermagem buscando compreender a transição de ser enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem na relação face a face com outros enfermeiros de formação convencional. Os autores fizeram 15 entrevistas, oito com enfermeiros que foram estudantes que trabalham de enfermagem e sete com enfermeiros de formação convencional que exerciam supervisão ou chefia de unidades de enfermagem.

Os autores constataram que estudantes que foram trabalhadores de enfermagem em uma

realidade com outros enfermeiros, vivenciam transformações no modo de trabalho cotidiano e em seu meio interno, pois eles saem de uma condição de subordinado e passam a estar nas mesmas condições de enfermeiros já graduados. A conclusão mostra que a transição de técnico de enfermagem para enfermeiro não é tão simples, pois alguns aspectos ajudam a legitimar essa transição, um deles é a alta afirmação do indivíduo, outro a aceitação dos demais enfermeiros que viam o indivíduo como um subordinado e após o término do curso devem velo no mesmo patamar de hierarquia no trabalho.

Em pesquisa realizada por Reis (2013) é discutida e analisada as relações de trabalho do estágio não obrigatório nas academias de ginástica. O objetivo do autor no trabalho foi compreender as problemáticas que cercam a constituição do estágio não obrigatório corroborando com o processo de reestruturação produtiva no capitalismo em consonância com a desregulamentação e flexibilização do trabalho a partir da nova Lei do estágio 11.788/2008.

A pesquisa aconteceu na Universidade Estadual do Pará (UEPA). Os sujeitos foram 95 acadêmicos do curso de Educação Física da UEPA a partir do segundo semestre que estagiavam em academias de ginástica. Os resultados mostraram que existe uma forte ligação entre as mudanças ocorridas no mundo do trabalho a partir da reestruturação produtiva do capitalismo e as relações de trabalho em estágios nas academias de ginástica de Belém mediadas por alterações que são flexíveis nas relações de contrato de trabalho. A conclusão aponta que os estagiários são contratados para exercer a função de professores formados, mas com remuneração de estagiário sem ônus previdenciário para a empresa, dessa forma acabasse desvirtuado de suas ações pedagógicas na prática do estágio, tornando-se mais um trabalhador precarizado sem direitos trabalhistas.

Fazendo um levantamento histórico das relações de poder entre classes, fica claro que existe uma fragilidade, uma perda de direitos básicos da vida que atinge a classe dominada. A classe trabalhadora é privada do acesso à cultura, da educação de qualidade e do pensamento crítico. Esses elementos nos fazem refletir sobre quais as dificuldades e barreiras cruzam o caminho dos estudantes que trabalham durante o processo de formação, fatores sociais e econômicos que fazem toda a diferença na permanência desse estudante trabalhador na universidade. Sabendo que as políticas de permanência têm alcançado poucos estudantes trabalhadores e esses estudantes tem que trabalhar durante o curso, é necessário discutimos quanto e como o trabalho pode influenciar na formação desse estudante.

## CAPÍTULO II

### 2.1 RESULTADOS

Após a discussão sobre a influência do trabalho no desenvolvimento do ser humano e sobre o acesso dos estudantes trabalhadores no ensino superior. Chega a hora de identificarmos qual o perfil de estudantes da FEFD em relação ao trabalho e quais são as influências causadas pelo trabalho durante a graduação.

Para chegar aos resultados, todos os dados foram agrupados em planilhas no programa de computador Excel. Os dados foram cruzados e acordo com os objetivos da pesquisa. Foram criados gráficos e tabelas para apresentação dos resultados.

Para identificar o número de estudantes que trabalham foi feita uma pergunta, questionando se o estudante trabalhava ou não trabalhava, essa questão se refere ao trabalho durante o tempo de graduação. Através das respostas foram feitos cruzamentos de dados de estudantes que trabalham e estudantes que não trabalham.

Trabalho foi definido como toda atividade sobre qual o indivíduo vende sua força de trabalho em troca de uma remuneração.

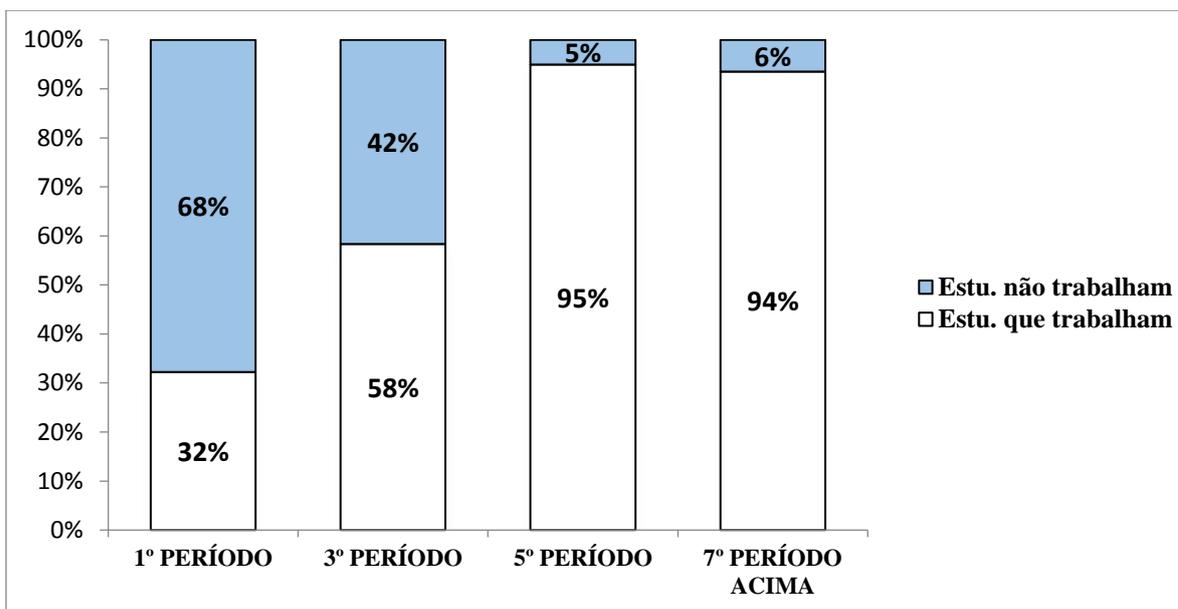
Tabela 1- Número de estudantes que trabalham e estudantes que não trabalham

<b>Especificação</b>	<b>Qts</b>	<b>%</b>
Estudantes que trabalham	74	69%
Estudantes que não trabalham	34	31%
<b>Total</b>	<b>108</b>	<b>100%</b>

É possível notar que temos um grande número de estudantes que trabalham (69%). Percebe-se que a condição de estudante trabalhador é a realidade da maior parte dos acadêmicos de Bacharelado em Educação Física da FEFD.

O gráfico 1 foi criado a partir do cruzamento da resposta da pergunta: trabalha, ou não trabalha e da pergunta referente ao período que o estudante está cursando.

Gráfico 1- Percentual de estudantes que trabalham e demais estudantes por período



É possível perceber de forma clara que existe um crescimento progressivo na porcentagem de estudantes que trabalham por período. No 1º período temos um total de 31 estudantes, 32% trabalham. No 3º período temos um total de 24 estudantes, 58% trabalham. No 5º período temos um total de 20 estudantes 95% trabalham. No 7º período acima temos um total de 31 estudantes, 94% trabalham.

A tabela 2 mostra o número total de estudantes bolsistas. Nessa tabela estão incluídos estudantes que trabalham e demais estudantes. Foram feitas três perguntas fechadas, referentes à participação em projeto de pesquisa, participação projeto de extensão e monitoria de disciplina, as opções de resposta eram: sim/bolsista; sim/voluntário; não. Foram consideradas todas as respostas sim/bolsista.

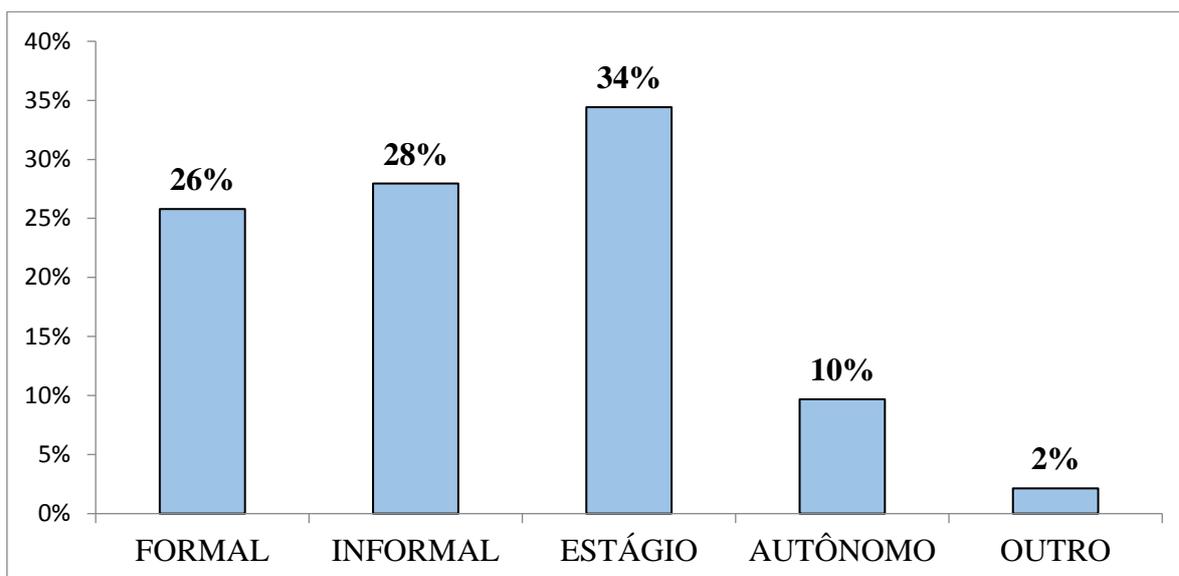
Tabela 2- Número de total de bolsistas de pesquisa, extensão e monitoria.

<b>Especificação</b>	<b>Qtd</b>	<b>%</b>
Bolsa de Extensão	14	61%
Bolsa de Pesquisa	6	26%
Bolsa de Monitoria	3	13%
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100%</b>

Na tabela 2 observamos que o número de bolsistas de projetos de extensão é maior que o número de bolsistas de projeto de pesquisa e bolsistas de monitoria de disciplina. Uma explicação para esse resultado pode ser o maior número de projetos de extensão na FEFD.

O gráfico 2 apresenta os vínculos de trabalho dos estudantes trabalhadores. Perguntou-se quais os vínculos de trabalho anteriores e atuais que os estudantes trabalhador tiveram durante a graduação. A pergunta foi fechada, os estudantes poderiam assinalar mais de uma opção em relação aos vínculos de trabalho, as opções eram: Formal; Informal; Estágio; Autônomo e Outros. Estágio não obrigatório foi considerado como vínculo de trabalho.

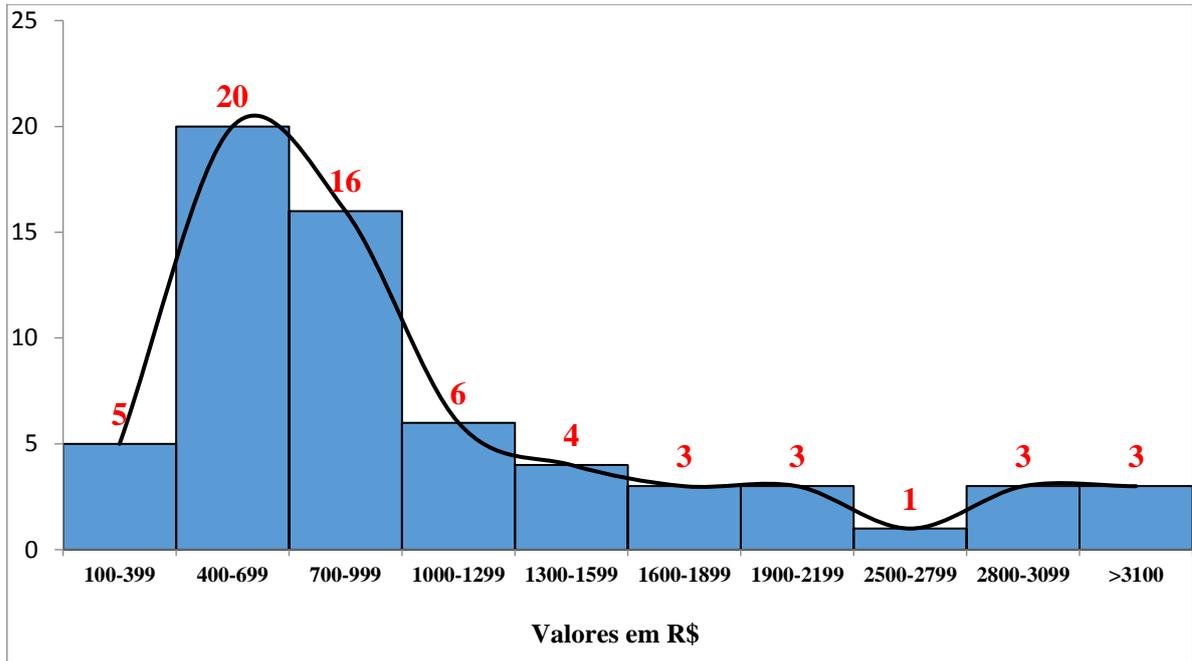
Gráfico 2- Percentual de vínculos de trabalho de estudantes trabalhadores.



O gráfico 2 indica que 3 vínculos têm maior expressão, são eles: formal (26%); informal (28%) e estágio (34%), sendo que o vínculo de estágio tem maior percentual. Os vínculos, autônomo (10%) e outros (2%) têm percentuais mais baixos. Pode-se perceber através do vínculo estágio, que parte significativa dos estudantes que trabalham, foram estagiários ou são estagiários atualmente. Além do estágio, outra categoria que pode remeter a área da educação física é o vínculo informal, pois existem estudantes que estagiam em academias e outros espaços sem regulamentação.

O gráfico 3 mostra a distribuição da renda dos estudantes trabalhadores em uma frequência estipulada em R\$300,00. Perguntou-se o valor da renda pessoal mensal, através das respostas foram criados 10 intervalos de renda, que iniciam no valor de R\$100,00 e terminam em R\$3100,00 ou mais. Alguns estudantes não declararam renda, por esse motivo temos um número menor que o total da amostra.

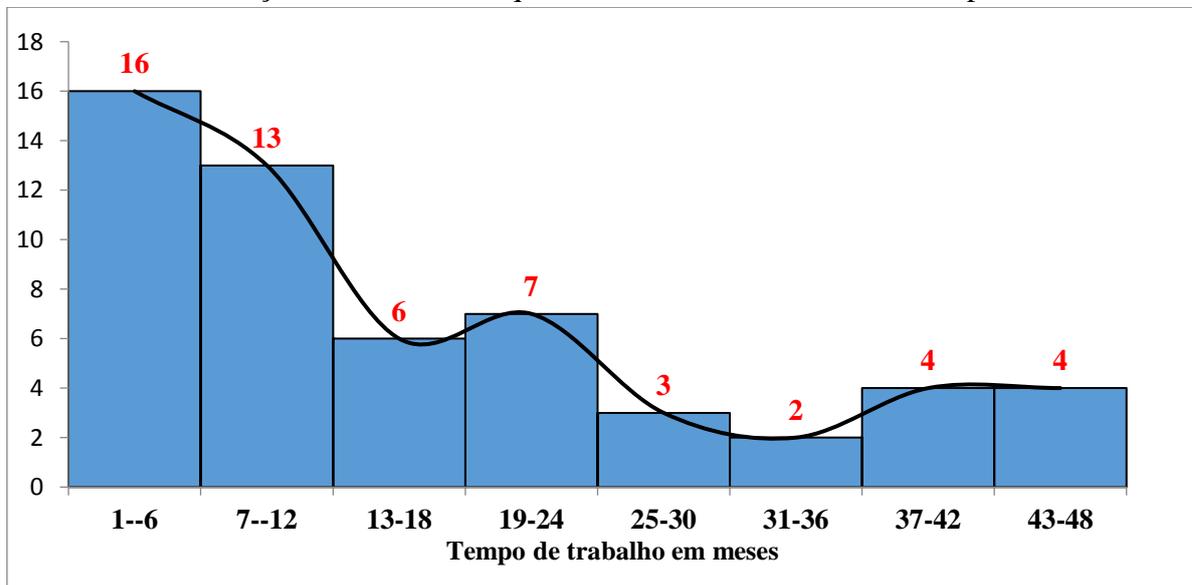
Gráfico 3- Distribuição da renda de estudantes trabalhadores. Valores em R\$



É possível perceber que a maior parte dos estudantes que trabalham se concentram na faixa de R\$400,00 a R\$999,00 esses valores mostram que grande parte dos estudantes que trabalham ganham de meio salário mínimo a 1 salário mínimo aproximadamente.

O gráfico 4 apresenta distribuição de estudantes trabalhadores de acordo com o tempo de trabalho. Perguntou-se qual o tempo total em meses que o estudante havia trabalhado durante o curso. Estudantes trabalhadores do 1º período não aparecem no gráfico, apenas estudantes do 3º período acima.

Gráfico 4- Distribuição dos estudantes que trabalham de acordo com o tempo de trabalho

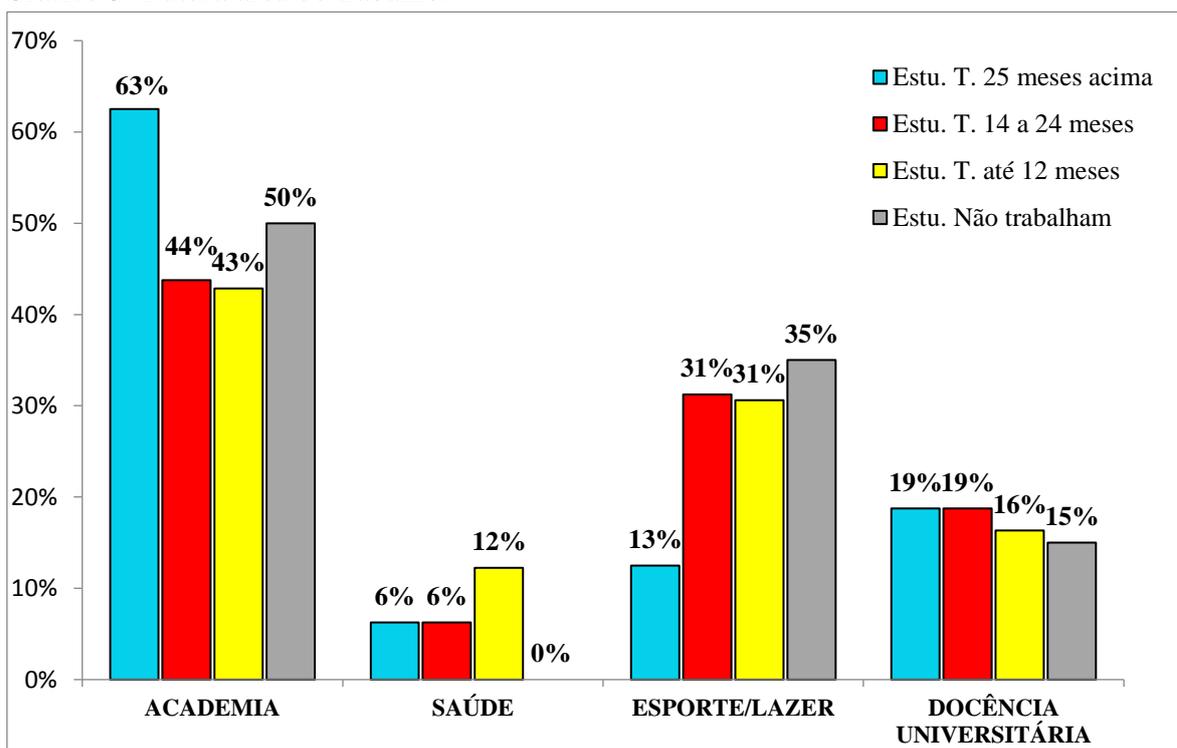


É possível perceber que existe uma grande concentração de estudantes que afirmaram que trabalharam de 1 a 12 meses de trabalho durante o curso, o que corresponde a um total de 29 estudantes. Em uma soma total, temos 29 estudantes que trabalham até 12 meses e 26 estudantes que trabalham acima de 13 meses. Quase a metade dos estudantes que trabalham, estão trabalhando a mais de um ano.

Na comparação entre estudantes que trabalham com os demais estudantes, em relação à futura área que desejam trabalhar, foram criados quatro grupos para dar mais clareza aos resultados. Três grupos correspondem a estudantes que trabalham e estão divididos por tempo de trabalho: estudantes que trabalharam até 12 meses; estudantes que trabalharam de 14 a 24 meses; estudantes que trabalharam 25 meses acima. O outro grupo é referente aos estudantes que não trabalham.

Perguntou-se em qual local gostaria de trabalhar após o término do curso, a pergunta era aberta e poderia ter mais de um local. Como se obteve respostas variadas decidiu-se criar categorias para facilitar a análise dos dados, as categorias foram: Academia; Saúde (CAPS, hospitais, treinamento com idosos, saúde, etc.); Esporte/Lazer (escolas de iniciação esportiva, futebol, handebol, clubes, hotéis, natação, etc.); Docência Universitária (universidade, área de pesquisa, professor universitário, etc.). Por se obter um número elevado de respostas contendo o local Academia, decidiu-se que esse local deveria ser uma categoria.

Gráfico 5- Futura área de trabalho.

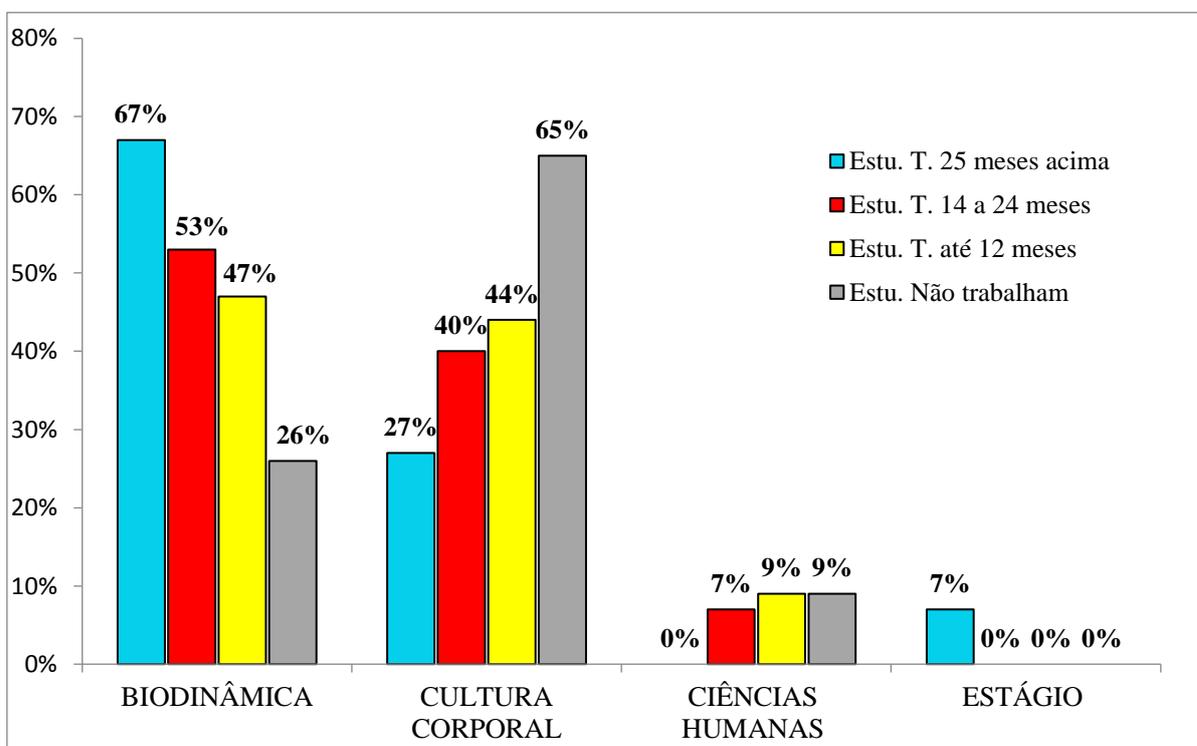


O gráfico 5 mostra que apenas o grupo de estudantes que trabalham 25 meses acima se distingue dos outros três grupos. Esse grupo prefere em sua maioria a categoria Academia (63%), seguido da Docência Universitária (19%), Esporte/Lazer (13%) e por último Saúde (6%). Os outros três grupos têm preferências que não se diferenciam muito, a categoria de maior preferência é Academia com porcentagens médias de 43% a 50%, seguido de Esporte/Lazer com médias de 31% a 35%, Docência Universitária com médias de 15% a 19% e por último Saúde com médias de 6% a 12%.

Para a construção do gráfico 6 que compara estudantes que trabalham e demais estudantes em relação à preferência temática de estudo no curso, foi feito um gráfico com a mesma categorização do gráfico 5. Um total de quatro grupos, três de estudantes que trabalham e um dos estudantes que não trabalham.

Perguntou-se qual a preferência de área temática no curso, as opções eram: Cultura Corporal (esporte; ginástica; lutas; etc.), Ciências Humanas (antropologia do corpo; fundamentos; políticas; etc.), Biodinâmica do movimento humano (fisiologia; biomecânica; anatomia; nutrição; etc.) e Estágio. Era possível marcar mais de uma opção.

Gráfico 6- preferência temática no curso.



Os resultados mostram que estudantes que não trabalham tem maior preferência pela cultura corporal (65%), em segundo pela biodinâmica (26%). Estudantes que trabalham até 12 meses tem maior preferência pela biodinâmica (47%) em segundo pela cultura corporal (44%). Estudantes que trabalham de 14 a 24 meses tem maior preferência pela biodinâmica (53%) em segundo pela cultura corporal (40%). Estudantes que trabalham mais de 25 meses tem maior preferência pela biodinâmica (67%) em segundo pela cultura corporal (27%). As categorias ciências humanas e estágio tiveram menos de 10% das escolhas nos quatro grupos.

## 2.2 DISCUSSÃO

Após a apresentação dos resultados, muitas questões pertinentes aos estudantes que trabalham foram suscitadas. Essa parte do trabalho se propõe a discutir e avançar no debate sobre os estudantes que trabalham, implicações causadas pelo trabalho e comparação com resultados de outros trabalhos sobre estudantes trabalhadores.

Em relação ao número de estudantes bolsistas de pesquisa, extensão e monitoria vemos que a FEFD tem poucos bolsistas. Se compararmos o número total de bolsistas que é de 23, com o número total da amostra 108, percebemos que o número de bolsistas é baixo 21%, lembrando que essas bolsas estão ligadas ao tripé acadêmico. Sabendo disso seria necessário um número maior de bolsas, que auxiliariam na permanência do estudante e corroboraria para o fortalecimento do tripé acadêmico.

Na tabela 1 vemos que a porcentagem de estudantes que trabalham é de 69%, um número significativo que compreende mais de dois terços da amostra. Na tese de David (2012) que foi realizada com 274 estudantes de cursos de licenciatura da UFG, os resultados mostram que 52,6% desses estudantes trabalham, outros 26,6% fazem segundo o autor algum tipo de atividade lucrativa, o que demonstra que 79,2% estão envolvidos em atividades de sobrevivência econômica. No estudo de Cardoso e Sampaio (1994) mais de metade dos estudantes de ensino superior de 14 cursos pesquisados trabalhava (54,6%), o que representava 1.216 jovens em um universo de 2.226. Esses dados mostram que a condição de estudante trabalhador não é recente e com a democratização do ensino superior esse número só tende a crescer. Como abordado por Bittar *et al* (2008) a democratização da Universidade fez com que os filhos da classe trabalhadora tivessem acesso ao ensino superior, mas para permanecer na universidade, muitos desses estudantes precisam trabalhar.

Ainda em relação aos estudantes que trabalham, fica claro que existe um crescimento progressivo no número de estudantes que trabalham por período. Isso nos levar a crer que

durante o tempo de curso, grande parte dos estudantes que não trabalham acabam se tornando estudantes trabalhadores. Quanto mais tempo de curso, mais cresce o número de estudantes trabalhadores. É importante destacar que se somarmos o 5º e 7º período acima, temos um número total de 48 estudantes que trabalham e 3 estudantes que não trabalham. Podemos dizer que a partir do 5º período do curso, ser estudante que trabalha é uma regra, ser estudante que não trabalha é uma exceção. Algumas hipóteses podem explicar esses resultados. Uma delas é a busca por experiência na área da Educação Física através do estágio não obrigatório, sendo que apenas com 40% do currículo integralizado é possível estabelecer vínculos formais de estágio no caso da FEFD-UFG e suas resoluções internas. Outra seria a dificuldade de se manter financeiramente na universidade, fazendo com que muitos estudantes adentrem o mercado de trabalho e o estágio não obrigatório para conseguir custear seus gastos ou até mesmo complementar a renda. Além disso, podemos questionar se os estudantes não se sentem bastante à vontade para dedicar tempo ao trabalho sem que isso prejudique seus estudos ou as possibilidades de aprovação nas disciplinas.

Essa busca pela complementação de renda ou por experiência na área da Educação Física se reflete nos vínculos de trabalho, onde o vínculo com o maior percentual é o estágio, que representa 34% dos vínculos. Outro motivo que possivelmente faça com que o vínculo estágio tenha maior percentual e a grande quantidade de vagas de estágio, principalmente em academias de ginástica. Como descreve Reis (2013), as academias aproveitam esta situação como forma de explorar mão de obra barata de maneira legal, isso porque elas contratam estagiários, mas muitas vezes os mesmos exercem trabalho de professores formados. Com isso os estagiários trabalham de forma precarizada e sem as mesmas condições dos trabalhadores com vínculo formal estabelecido pela carteira de trabalho. No estudo de Cardoso e Sampaio (1994) se criou categorias para os vários tipos de trabalho de estudantes trabalhadores do ensino superior, os autores categorizaram estágio como trabalho. O resultado mostra que a maior parte dos trabalhos eram estágios 35%, resultado parecido com a realidade encontrada da FEFD.

A renda dos estudantes que trabalham segue um padrão médio, eles ganham em sua maioria de R\$400,00 a R\$999,00. Essa média salarial é aproximadamente a mesma do que normalmente é pago por estágios na Educação Física. Na tese de David (2012), foi possível perceber que em um total de 274 estudantes, 68% tinham renda família de 1 a 4 salários mínimos. Nos resultados da tese de David, percebe-se que grande parte dos estudantes era de classe social baixa e media baixa.

### 2.2.1 A influência do trabalho na formação.

Nas comparações entre estudantes que trabalham e demais estudante em relação ao futuro local de trabalho, foi possível perceber uma maior diferença no grupo de estudantes que trabalham 25 meses acima. Esse grupo tem preferências pela Academia (63%) em seguida pela docência universitária (19%), Esporte/Lazer (13%) e por último Saúde (6%). Esse resultado nos mostra que os estudantes que tiveram maior tempo de trabalho durante o curso, são os que mais desejam trabalhar em academias.

Os outros três grupos que correspondem a: estudante que trabalharam de 14 a 24 meses; estudantes que trabalharam até 12 meses; estudantes que não trabalharam. Mostram preferências semelhantes entre si. A primeira categoria de preferência é Academia, seguido do Esporte/Lazer, Docência Universitária e por último Saúde. Entende-se então que estudantes que trabalham e demais estudantes tem preferência pela categoria Academia como futuro local de trabalho, mas uma questão se levanta com esses resultados. Se é afirmado que o curso tem uma formação voltada para a saúde pública, com ênfase numa perspectiva de saúde coletiva, por que estudantes que trabalham e demais estudantes, querem trabalhar em academias? Lembrando que a categoria Saúde que compreende locais de trabalho na área da saúde pública tem as menores porcentagens em todos os 4 grupos.

Furtado (2009) se debruça sobre o tema academias de ginástica em seu artigo. O autor trata dos processos de desenvolvimentos das academias do Fitness ao wellness e fala sobre o crescimento do mercado de academias no Brasil e em Goiânia. Esse “boom” das academias de ginásticas atinge diretamente o mercado de trabalho, pois aumenta o número de vagas de trabalho nesses espaços.

Furtado e Santiago (2015) realizaram uma pesquisa com alunos egressos do curso de Licenciatura em Educação Física da UFG. A amostra foi composta por 46 egressos das turmas de 2008, 2009 e 2010. O objetivo da pesquisa foi analisar a inserção inicial de egressos no mercado de trabalho. Os resultados mostraram que os dois campos com o maior número de egressos eram: Educação formal (escolas, EAD) e Saúde (academias). Os autores descrevem que embora outros campos de trabalho na área da saúde tenham crescido, as academias representam o local com maior inserção de professores de Educação Física egressos da FEFD na área da Saúde.

Esse número crescente de academias pode ser um dos motivos pelo qual a maior parte dos estudantes trabalhadores e demais estudantes querem trabalhar em academias, pois é um local com número elevado de vagas de trabalho. Entende-se então que o currículo do curso

pouco influencia na escolha do estudante pela futura área de trabalho, um dos fatores de maior influência e a oportunidade de trabalho proporcionada pelas ofertas do mercado. Podemos pensar então, que se tivéssemos mais concursos públicos ou ofertas de emprego na área da saúde pública, um número maior de estudantes do Bacharelado em Educação Física poderia se interessar por essa área.

A comparação entre estudantes que trabalham e demais estudantes em relação à preferência de área temática de curso, confirmou uma das hipóteses da pesquisa. Acreditávamos que o trabalho poderia influenciar a formação do estudante que trabalha, e de fato os resultados apontam que o trabalho influencia diretamente na formação, pois gera uma mudança na preferência de área temática do curso. O mais interessante é perceber que essa influência é ditada pelo tempo de trabalho. Nota-se claramente que estudantes que não trabalham, tem preferência pela área da Cultura Corporal (65%), a segunda área é a biodinâmica (26%). Já nos estudantes que trabalham até 12 meses, acontece uma mudança, a área de preferência é a Biodinâmica (47%) em segundo a Cultura Corporal (44%). Nos estudantes que trabalham de 14 a 24 meses temos um crescimento ainda maior da Biodinâmica (53%), e uma queda da Cultura Corporal (40%). Nos estudantes que trabalharam 25 meses acima vemos um quadro totalmente inverso aos estudantes que não trabalham. A área de preferências é a Biodinâmica (67%) e em segundo lugar a Cultura Corporal (26%). Entende-se então que o tempo de trabalho é um dos principais fatores que influenciam os estudantes nessa escolha. Quanto mais tempo de trabalho, maior a preferência pela biodinâmica, quanto menos tempo de trabalho maior a preferência pela Cultura Corporal.

Nesse sentido é possível perceber que a influência do trabalho acontece em todas as dimensões. De acordo com Catani *et al.* (2001), a reestruturação produtiva do capitalismo, particularmente à acumulação flexível e à flexibilização do trabalho estão ligadas diretamente aos princípios de flexibilização curricular das universidades. De acordo com os autores a acumulação flexível é um dos fatores que levam as universidades a flexibilização de seus currículos em detrimento de um mercado em constante mutação. Tais dinâmicas tendem a reduzir a função social da universidade, pois buscam preparar o indivíduo a partir de um perfil baseado nos ideais de um mercado em constante modificação.

Kuenzer (2016) discorre sobre a aprendizagem flexível, termo que tem sido usado em cursos de EAD. Esse termo justificaria a autonomia do aluno em relação a forma e tempo de estudo, e se contrapõe ao modelo de curso presencial. O próprio EAD é criado para atender a essa demanda de mercado. A autora descreve que o termo Aprendizagem flexível também

tem sido usado para descrever métodos de ensino diversificados, que fogem da lógica habitual.

Esses novos métodos de ensino, tem a tecnologia como um dos componentes que irão ajudar na construção do conhecimento. A aprendizagem flexível faz uma crítica a concepção tradicional que centra a prática no professor, ela ao contrário, coloca o aluno como protagonista no ato de aprender. Essa concepção dá maior liberdade ao aluno para definir tempos e espaços no modo de aprender. Esse é um dos pontos principais desse modelo. A liberdade para estudar e continuar sua rotina diária, de forma que se obtenha um conhecimento não necessariamente específico, mas sim um conhecimento generalista que de ao indivíduo condições de se adequar ao modelo de mercado em constante mudança.

Ao analisarmos as implicações causadas pela acumulação flexível, podemos perceber que os currículos também se adequam a essa realidade do mercado, a flexibilização avança do campo do trabalho diretamente para o campo da educação.

No século XXI, o processo de reestruturação produtiva do capital global, requer uma nova realidade competente à universidade em contribuir significativamente na geração de tecnologias e inovações que estejam a serviço do capital produtivo. Nesta visão capitalista, só é produtiva a universidade que vincula sua produção às necessidades do mercado, das empresas e do mundo do trabalho em mutação, ou seja, a produção acadêmica está subordinada às necessidades do mercado e do capital.(FERREIRA e DOS SANTOS, 2011, p.7,8)

A partir de uma análise pontual, percebe-se que o mercado de trabalho influencia o currículo dos cursos de ensino superior de acordo com a demanda do mercado. Entendendo isso podemos acreditar que essa influência também atinja os estudantes trabalhadores da FEFD, não da mesma forma, mas de maneira específica. Então podemos supor que a preferência dos estudantes que trabalham, pela área temática biodinâmica, advém de uma demanda exercida pelo trabalho.

Na tese de Antunes (2016) é discutido entre outros aspectos, o trabalho alienado e a educação. A partir das discussões de Marx, o autor descreve que o trabalho alienado forma um indivíduo desumano e desumanizado e da mesma forma a educação que se especifica unicamente em favor de preparar os indivíduos para esse trabalho apenas reforça essa alienação. Então se entende que a Universidade que baseia a formação apenas nas demandas do mercado, reforça a alienação do trabalho e se distancia de sua função social. De acordo com Boff (1994), a Universidade tem papel devedor do ser humano. É dever da universidade

à atuação por uma sociedade mais justa, fraterna, igualitária, socialmente equilibrada, criativa e questionadora.

Após nos inteirarmos sobre a discussão da reestruturação produtiva do capitalismo. Podemos fazer uma suposição, essa suposição é referente à realidade da FEFD e se baseia nos resultados da pesquisa.

Podemos supor que a influência do trabalho e do mercado de trabalho no currículo acontece em dois âmbitos, em um âmbito externo e interno. A influência externa seria exercida pela demanda criada pelo mercado, que por sua vez, faz com que os currículos sejam flexibilizados não apenas em cargas horárias ou em métodos de ensino, mas também nos princípios e objetivos em que esses se baseiam. Pois existe a demanda de um mercado que vive em constante mutação. Nessa lógica, currículos que não se adéquam, são taxados de ultrapassados ou engessados.

No âmbito interno, essa influência estaria ligada diretamente aos estudantes que trabalham e principalmente aos estudantes que já estagiam na área da Educação Física. Pois se o mercado não conseguir influenciar os princípios e objetivos do curso através do âmbito externo, internamente a partir da influência sobre os estudantes, ele conseguirá. Pois os estudantes que trabalham, principalmente os estudantes que estão estagiando, já respondem a demanda do mercado ainda durante a formação. Isso poderia explicar a grande adesão dos estudantes que trabalham pela área temática da biodinâmica, que é a base para o trabalho em academias. E também explica as altas porcentagens na preferência da Academia como futuro local de trabalho tanto de estudantes que trabalham e demais estudantes, e as baixíssimas porcentagens da categoria Saúde com futuro local de trabalho.

Nessa suposição os próprios estudantes responderiam a demanda do mercado, que no atual momento se concentra em espaços voltados ao *Fitness* (academias). Então mesmo que o currículo do Bacharelado em Educação Física da FEFD busque se pautar na saúde pública, e em formar indivíduos que atuem nesse espaço de forma crítica, reflexiva e criativa, os estudantes acabam negando esse campo de trabalho e os conteúdos temáticos inerentes a ele.

Outra suposição que se levanta se refere ao discurso que afirma que o currículo da FEFD é voltado a saúde pública com ênfase na saúde coletiva. Após os resultados, fica uma questão. O currículo do Bacharelado em Educação Física da FEFD tem mesmo ênfase na saúde pública?

As suposições devem ser investigadas mais a fundo. Mas fica claro que o trabalho e o mercado de trabalho exercem influência sobre as escolhas de estudantes que trabalham em relação à preferência temáticas no curso e futuro local de trabalho.

## CONCLUSÃO

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise do perfil dos estudantes que dividem seu tempo de estudos com o trabalho. Esses estudantes trabalhadores adentraram com maior intensidade a universidade através dos projetos de democratização do ensino superior e atualmente tem demandas específicas que devem ser analisadas e discutidas.

Com a discussão dos resultados conclui-se que, ser estudante trabalhador é a realidade de 69% dos estudantes da FEFD, principalmente a partir do 5º período, se tornado quase uma regra.

Os estudantes trabalhadores em sua maioria cursam principalmente o 5º período acima. Tem vínculo de trabalho em estágio. Sua renda mensal varia de R\$400,00 a R\$999,00. Tem preferência pela biodinâmica como área temática de curso e querem trabalhar futuramente em academias.

Uma das hipóteses da pesquisa foi elucidada, acreditávamos que o trabalho exercia influência sobre a formação e tivemos a confirmação. Foi possível concluir que o trabalho de fato influencia a formação do estudante, pois gera uma mudança na preferência de área temática do curso. O mais interessante é perceber que essa influência é ditada pelo tempo de trabalho, quanto maior o tempo que o estudante trabalhou durante o curso, maior será a influência do trabalho sobre sua formação. Essa influência pode estar associada diretamente à demanda do trabalho e do mercado de trabalho. Esses são questionamentos para novos estudos. O questionário usado na presente pesquisa pode ser aplicado no futuro para analisar se os estudantes dos 1º e 3º períodos irão seguir o mesmo padrão encontrado nos estudantes do 5º e 7º períodos acima.

A pesquisa tem resultados importantes, revela os perfis de estudantes em relação ao trabalho e as preferências desses estudantes em relação à temática no curso e futuro local de trabalho. Creio que a pesquisa possa ser usada para se pensar o projeto político pedagógico do curso e em qual medida ele alcança os estudantes que trabalham. Além de se repensar o discurso que afirma que o curso é voltado para o âmbito da saúde pública.

Essas são algumas discussões sobre questões que fazem parte da realidade dos acadêmicos em bacharelado em Educação Física da FEFD.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Caio Sgarbi et al. A escola do trabalho: formação humana em Marx. 2016.

BITTAR, Mariluce; DE ALMEIDA, Carina Elisabeth Maciel; VELOSO, Tereza Christina Mertens Aguiar. Políticas de educação superior: ensino noturno como estratégia de acesso para o estudante-trabalhador. **Revista Educação em Questão**, v. 33, n. 19, 2008.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: [http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/15261/constituicao\\_federal\\_35ed.pdf?sequence=9](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/15261/constituicao_federal_35ed.pdf?sequence=9). Acessado em: 24 Mai. 2017.

BOFF, Leonardo. A função da universidade na construção da soberania nacional e da cidadania. **Cadernos de extensão universitária**, n. 1, 1994.

CORRÊA, Adriana Katia et al. Profile of students entering the nursing diploma program: University of São Paulo at Ribeirão Preto College of Nursing. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 4, p. 933-938, 2011.

CARDOSO, Ruth CL; SAMPAIO, Helena. Estudantes universitários e o trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 9, p. 30-50, 1994.

CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, João Ferreira de; DOURADO, Luiz Fernandes. Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação no Brasil. **Educação e Sociedade**, v. 22, n. 75, p. 67-83, 2001.

DAVID, NIVALDO ANTONIO NOGUEIRA. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA UNIVERSIDADE: REFLEXÕES ACERCA DA CULTURA, JUVENTUDE E TRABALHO DOCENTE.

**Decreto Presidencial nº. 6.096**, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Brasília, 2007b. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm). Acessado em: 24 Mai. 2017.

ALVES DE SOUSA COSTA, Maria Lucia; BARBOSA MERIGHI, Miriam Aparecida; PINTO DE JESUS, Maria Cristina. Ser enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem: um enfoque da fenomenologia social. **Acta paulista de enfermagem**, v. 21, n. 1, 2008.

VARGAS, Hustana Maria; COSTA DE PAULA, Maria de Fátima. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 18, n. 2, 2013.

DOS REIS, Marcelo R.; MONTE, Emerson D. O ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO. **Revista Marupiára**, v. 1, n. 1, p. 21-36, 2015

FERREIRA, Dilma Santana de F.; DOS SANTOS, Lindalva Personi. A função social das universidades públicas no contexto atual. **Anais do Seminário sobre Docência Universitária**, v. 1, n. 1, 2011.

FURTADO, Roberto Pereira. Do fitness ao wellness: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a prática**, v. 12, n. 1, 2009.

FURTADO, Roberto Pereira; SANTIAGO, Lorena Paes. Educação Física e trabalho: considerações a respeito da inserção profissional de egressos da FEF-UFG. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 2, p. 325-336, 2015.

KUENZER, Acácia Zeneida. Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região**, v. 20, n. 2, p. 13-36, 2016.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. La ideología alemana. Montevideo: Pueblos Unidos.(Publicado originalmente en 1847). 1974.

MARX, Karl. O capital. v. 1. tomo 1. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

TAKEUCHI NOZAKI, Hajime. Trabalho e educação na atualidade: mediações com a Educação Física brasileira. **Educação. Revista do Centro de Educação**, v. 40, n. 1, 2015.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation and research methods**. SAGE Publications, inc, 1990.

PEREIRA, Érico Felden et al. Sono, trabalho e estudo: duração do sono em estudantes que trabalham e não trabalhadores. **Cadernos de Saúde Pública**, 2011.

RISTOFF, Dilvo; SEVEGNANI, P. Democratização no campus: Brasília, 25 e 26 de outubro de 2005. **Brasília: INEP**, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia-Comemorativa**. Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval et al. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-180, 2007.

TEIXEIRA, Elizania Machado; SILVA, Arlete. Perfil sóciodemográfico dos alunos trabalhadores que cursam a graduação em enfermagem em uma universidade particular: um estudo descritivo. **Online braz. j. nurs.(Online)**, 2007.

TOMBOLATO, Maria Claudia Roberta et al. Qualidade de vida e sintomas psicopatológicos do estudante universitário trabalhador. 2005.

PORTUGAL. **Lei n.º 7/2009.** Estatuto trabalhador-estudante. Disponível em:

[http://www.ipsantarem.pt/wp-content/uploads/2016/11/Lei-n-7\\_2009-de-12-de-fevereiro.pdf](http://www.ipsantarem.pt/wp-content/uploads/2016/11/Lei-n-7_2009-de-12-de-fevereiro.pdf).

Acessado em: 24 Mai. 2017

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Qual o seu curso? Bacharelado ( ) Licenciatura ( )
2. Qual foi a sua forma de ingresso no curso de Educação Física na UFG?  
 vestibular:  sem cotas  com cotas. Quais? \_\_\_\_\_  
 SISU:  sem cotas  com cotas. Quais? \_\_\_\_\_  
 transferência de outro curso
3. Qual o período que está cursando? \_\_\_\_\_
4. Você recebe algum tipo de assistência estudantil?  
 Não  Sim, bolsa permanência  Sim, auxílio moradia  Sim, auxílio alimentação  Sim, outro
5. Você possui outra formação em Curso Superior?  
 Não  Sim. Qual? \_\_\_\_\_
6. Você participa ou já participou de algum projeto de pesquisa?  
 Não  
 Sim/bolsista. Qual? \_\_\_\_\_  
 Sim/voluntário. Qual? \_\_\_\_\_
7. Você participa ou já participou de algum projeto de extensão?  
 Não  
 Sim/bolsista. Qual? \_\_\_\_\_  
 Sim/voluntário. Qual? \_\_\_\_\_
8. Você já foi monitor (a) de alguma disciplina?  
 Não  
 Sim/bolsista. Qual? \_\_\_\_\_  
 Sim/voluntário. Qual? \_\_\_\_\_
9. Você trabalha ou já trabalhou de forma remunerada durante algum período da sua graduação na UFG (exceto bolsas de pesquisa, extensão, monitoria e permanência)?  
 não  sim
10. Quais os locais de trabalho, funções que **exerce ou já exerceu durante sua formação** e respectivas cargas horárias?  
 Responda conforme indicações abaixo:  
 a- Local: \_\_\_\_\_ Função: \_\_\_\_\_  
 Carga horária diária: \_\_\_\_\_ Carga horária semanal: \_\_\_\_\_  
 b- Local: \_\_\_\_\_ Função: \_\_\_\_\_  
 Carga horária diária: \_\_\_\_\_ Carga horária semanal: \_\_\_\_\_

c- Local: \_\_\_\_\_ Função: \_\_\_\_\_

Carga horária diária: \_\_\_\_\_ Carga horária semanal: \_\_\_\_\_

d- Local: \_\_\_\_\_ Função: \_\_\_\_\_

Carga horária diária: \_\_\_\_\_ Carga horária semanal: \_\_\_\_\_

e- Local: \_\_\_\_\_ Função: \_\_\_\_\_

Carga horária diária: \_\_\_\_\_ Carga horária semanal: \_\_\_\_\_

f- Local: \_\_\_\_\_ Função: \_\_\_\_\_

Carga horária diária: \_\_\_\_\_ Carga horária semanal: \_\_\_\_\_

11. Qual o tempo total aproximado em meses (somando todas as experiências de trabalho durante o curso)?

\_\_\_\_\_

12. Quais os tipos de vínculos de trabalho atuais e anteriores? (Pode marcar mais de uma alternativa)

( ) formal ( ) informal ( ) estágio ( ) autônomo ( ) outro: \_\_\_\_\_

13. Atualmente, qual o valor da sua renda pessoal mensal? \_\_\_\_\_

14. Qual a sua preferência de área temática no curso?

( ) temas da cultura corporal (esportes; ginástica; lutas; etc)

( ) ciências humanas (antropologia do corpo; fundamentos; políticas; etc)

( ) biodinâmica do movimento humano (fisiologia; biomecânica; anatomia; nutrição; etc)

( ) estágio

15. Atribua uma nota de 0 a 10 para o projeto curricular do seu curso (PCC): \_\_\_\_\_

16. Qual o tema/título você gostaria de pesquisar ou já pesquisa em sua monografia?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

17. Você pretende trabalhar na área da Educação Física?

( ) Não ( ) Sim

18. Caso a resposta anterior seja afirmativa, onde você gostaria de trabalhar?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

19. Qual a sua perspectiva em relação à sua carreira profissional na Educação Física?

---

---

---

---

---

20. Quando se formar, você pretende continuar sua formação em nível de especializações, mestrado e doutorado relacionados com a Educação Física?

Não  Sim  Ainda não sei

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS MONOGRAFIAS  
ELETRÔNICAS REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DE MONOGRAFIAS DA UFG – RIUFG**

**1. Identificação do material bibliográfico monografia:**

Graduação      |     Especialização

**2. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso**

Autor (a):	MAIKON SANTOS CARVALHO		
E-mail:	maikon_sm@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Título:	TRABALHADORES ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DO TRABALHO DURANTE A GRADUAÇÃO		
Palavras-chave:	TRABALHO; FORMAÇÃO; ESTUDANTES TRABALHADORES		
Título em outra língua:			
Palavras-chave em outra língua:			
Data defesa: (03/07/2017)			
Graduação/Curso Especialização:	BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA		
Orientador (a)*:	ROBERTO PEREIRA FURTADO		

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O referido autor:

a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

**Termo de autorização**

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional de Monografias da UFG (RIUFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? ( X ) Sim    ( ) Não

Permitir modificações em sua obra?

( ) Sim

( ) Sim, contando que outros compartilhem pela mesma licença .

( X ) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local e Data Goiânia 19/07/17

Maikon Santos Carvalho

Assinatura do Autor e/ou Detentores dos Direitos Autorais

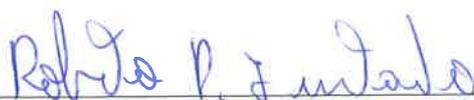
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**TRABALHADORES ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS  
IMPLICAÇÕES DO TRABALHO DURANTE A GRADUAÇÃO**

Trabalho apresentado para obtenção do título  
de Bacharel em Educação Física pela  
Universidade Federal de Goiás, sob orientação  
do professor Dr Roberto Furtado.

**Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.**

Goiânia, julho de 2017



Prof/a. (orientador/a ou Prof/a. Coordenador de Curso)